

## **“A caridade do Preciosíssimo Sangue” In: “O Amor maior”<sup>1</sup>**

PIETRO SCHIAVONE, S.J

TRADUÇÃO: IR. MARILENE GOMES PEREIRA, FCPPS

Ninguém duvida que as Irmãs de Pe. Tomás M. Fusco sentem e vivem a devoção ao Sangue de Jesus. Tanto que são comumente conhecidas por Filhas do Preciosíssimo Sangue.

Ao longo deste primeiro século de vida da Congregação, o elemento que, digamos de imediato, “qualifica e caracteriza” a devoção que as Irmãs da Congregação devem nutrir pelo Sangue de Jesus, não nos pareceu que foi totalmente compreendido<sup>2</sup>.

### **1. Os termos do problema**

O momento da Paixão, tempo forte do derramamento do Sangue é o momento da vida de Jesus que as Irmãs devem “estudar” e “imitar”. Mas este esclarecimento não é suficiente para alcançar o objetivo a que nos propusemos. Temos que investigar mais e definir qual é a virtude que merece o maior destaque para verificar com que “espírito” reviver com Jesus este momento:

Durante a paixão – como durante o resto de sua vida – Jesus aceitou e cumpriu a vontade do Pai, como só ele poderia fazer: exerceu todas as virtudes e de maneira heroica, derramou, na liberdade e na plenitude do amor, todo seu

---

1 Capítulo IV, da obra “*O AMOR MAIOR...A personalidade e o carisma de Pe. Tomás Maria Fusco - Fundador das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue*” (Roma 1976). A obra publicada em italiano, inédita no Brasil, foi traduzida para o português pela Ir. Marilene Gomes Pereira FCPPS, na ocasião do I Congresso Internacional de Teologia – A Caridade do Preciosíssimo Sangue.

2 Isto também nos convence de que o convite da Igreja para que retornemos às origens (cf. PC. 2/706.708; ES II,16/2333) é realmente importante e atual.

Sangue, até a última gota. Naqueles dias foi realmente o Homem-de-Deus, o Mártir, o Sacerdote (cf. Hb cp. 3-10, passim), o Santo (cf. Jo 17,19). A oração, o silêncio, a humildade, a caridade, a obediência... tornaram-no tão “perfeito” que Ele se “tornou causa da salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (Hb 5,7-10).

Nós, por outro lado, chamados a seguir e também a imitar o Jesus da Paixão (cf. Pe 2,21 seg.), devemos reconhecer limites e imperfeições. Se quisermos “nos especializar”, devemos concentrar todas as forças em um único objetivo e nos propor a seguir e imitar Jesus em um aspecto particular de sua vida (LG. 46/411) <sup>3</sup>.

Também porque no Corpo místico nenhum membro pode fazer tudo, precisamente porque ninguém tem a perfeição e a plenitude da Cabeça (cf. Ef 1,22; 4,7-16). A cada um e a cada Congregação é confiada uma função. Cada um deve descobrir o seu lugar, ocupá-lo e, sempre animados pelo Espírito, viver na atitude de filho que ama e se entrega, como Jesus, ao Pai e aos irmãos.

### *Novas perguntas*

A devoção ao Sangue é, portanto, sem dúvida, parte essencial do carisma da Congregação. Perguntemo-nos: este Sangue, que continua a jorrar para a salvação do mundo, diz algo de particular às Irmãs da Congregação? Há nele algum atributo que devem descobrir, adorar e trazer no coração e na vida?

Mais em concreto: qual o elemento que as distingue dos membros dos outros Institutos que têm e propõem a mesma devoção? Em que a Congregação de Pe. Tomás M. Fusco se diferencia das outras dezessete? Que aspecto particular do Sangue de Jesus a Providência confiou à sua contemplação e ao seu apóstolo?

Entre estes dezessete Institutos é impossível não haver relações e os religiosos podem, e devem se ajudar mutuamente a compreender – visto que se referem ao mesmo mistério – os elementos comuns. Mas também deve haver algo que seja inteiramente particular e exclusivo de cada Congregação, que constitui patrimônio inalienável de cada uma<sup>4</sup>.

Em que consiste este “algo” que as Irmãs de Pe. Tomás devem ter particularmente em mente, se quiserem ser fiéis ao “seu” carisma, ou seja, viver

3 Os Santos que veneramos nos altares não fizeram o mesmo? S. Francisco de Assis, por exemplo, deixou-se seduzir “pela senhora pobreza”, Ignácio de Loyola pela disponibilidade de Jesus para a “missão”, Teresa de Avila por sua intimidade com o Pai, etc...

4 Entre outras razões porque seria estranho pensar que a Igreja aprovasse regras e

a devoção ao Sangue como o Fundador compreendeu, viveu e apresentou? Se preferirem: qual é o ângulo de visão que, em nome de Deus, Pe. Tomás propõe às Irmãs que, aceitando seu convite, contemplam o Sangue de Jesus?

Nossa primeira resposta contém outras perguntas: por que o Pai enviou Jesus para morrer na cruz? Por que Jesus, no momento da Paixão, aceitou derramar todo o seu Sangue? Que lugar ocupa o Espírito Santo neste mistério da nossa redenção?

Vamos tentar ser ainda mais claros: devemos verificar o que as Irmãs que pertencem a “esta” Congregação devem, em nome da Igreja, dizer ao mundo sobre Jesus que derramou seu Sangue.

O que dizer, não apenas em palavras. Neste ponto de nosso discurso não podemos e não devemos nos limitar a elaborar teorias. A contemplação que ajuda a “compreender” e leva à ação, deve permitir também *apresentar*, sobretudo com a própria vida, um aspecto particular de Jesus que derrama seu Sangue, e de modo que seja evidente o convite a seguir e imitar: *a estar com e a fazer como*<sup>5</sup>.

Mas como imitar – e segundo as exigências particulares da vida religiosa – Jesus que derrama seu Sangue?

Derramando por acaso materialmente o próprio Sangue? É privilégio que não é dado a todos.

Dando então particular importância à abnegação e à mortificação? Sem dúvida alguma, o sacrifício faz parte do carisma e veremos como. Pois, se queremos evitar os riscos que nos podem levar até a sermos anti-evangélicos, o próprio sacrifício deve ser animado por uma virtude. Qual?

### *Para definir melhor o problema*

Antes de tudo, é necessário entender e aceitar que as Irmãs de Pe. Tomás não são as Filhas do Preciosíssimo Sangue, como comumente são chamadas. Não devemos aceitar ser nomeados de forma incompleta, especialmente

---

Constituições de inspirações e finalidades idênticas: portanto, precisamos pensar em carismas diferentes.

5 Queremos dizer que a ação apostólica que dela derivará deve ter uma relação direta, quase causa efeito, com o que contemplamos, compreendemos e adoramos.

quando, por causa disso, uma parte essencial do carisma é obscurecida, pior ignorada.

Alguns exemplos nos ajudarão a compreender melhor os dados e a importância do problema.

Tudo o que existe "é". Mas nem todos os "seres" são animados. Entre aqueles que são, o homem certamente ocupa um lugar por direito próprio, no topo da criação sensível. Com efeito, o homem não só é, não só cresce, não só saboreia, escuta, cheira..., mas também raciocina e quer, julga, deseja, escolhe e ama. Finalmente, os próprios homens são todos iguais. Há algo que distingue um do outro. Qual é o elemento que faz que eu seja "eu" e não outro?

Apliquemos a teoria: somos todos pessoas humanas. Entre estas estão os que não creem, os que creem, os cristãos, os católicos. Entre os católicos temos os que escolheram o estado de vida matrimonial e os que escolheram a vida religiosa. Da discussão já feita sabemos que estes se propõem a imitar Jesus em um determinado momento de sua vida e em uma das suas virtudes particulares.

Perguntemo-nos: o que faz desta Congregação, um Instituto de pleno direito? O que o especifica? O que o caracteriza e o distingue?

Se a resposta fosse "nada", deveríamos dizer que Deus faz duplicatas. E isso é inadmissível, porque equivaleria a colocar limites à "fantasia" do Espírito.

Tomás M. Fusco é Fundador desta Congregação, não das Irmãs das outras dezessete Congregações. A Igreja, que a aprovou, praticamente reconheceu que ela tem algo novo a dizer e a fazer em relação às outras. O que é que pertence exclusivamente a este Instituto?

Animal+racional=homem. Devoção ao Preciosíssimo Sangue+? = Congregação fundada por Pe. Tomás?

Temos um segundo exemplo: o nome é comum a muitos; o sobrenome coloca a pessoa em um círculo mais restrito. Se somarmos paternidade e maternidade, local e data de nascimento, o perigo de confundir uma pessoa com outra fica realmente reduzido ao mínimo e praticamente impossível. O Espírito de Deus certamente deu algo que exclui totalmente este risco. O quê? Um último exemplo: um cálice, uma custódia, um relicário... podem ser fabricados de uma barra de ouro. Tudo depende da intenção do ourives e do molde em que o outro será fundido. Em que "molde" Pe. Tomás viu o

Sangue de Jesus? De que é um “sinal? O que “expressa”? De que é “medida e penhor”?

## 2.A caridade

É no próprio título da Congregação que encontramos a resposta: “Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue”. Se antes da palavra “Sangue”, não colocarmos a palavra “Caridade”, corremos o risco de não compreender o carisma em toda a sua grandeza, de não ser Irmãs de Pe. Tomás M. Fusco, de não tê-lo Fundador, de não compreender um dos elementos essenciais e determinantes de seu pensamento: quando, pior, se corre o risco de traí-lo.

Pe. Tomás, de fato, apresenta não só a finalidade pela qual Jesus derramou o seu Sangue, mas também a razão inspiradora: o “porquê final” e o “porquê fundamental”, ou seja, a causa que determinou este derramamento.

Tratemos antes deste segundo porquê.

### *A caridade do Pai*

No Prefácio das Regras, o Fundador apresenta Jesus que derramou o Sangue “como triunfo de sua misericórdia e como manifestação de seu infinito amor por nós”. Este sangue, explica ainda, é “preço de salvação e de glória”, é uma “fonte, aliás, um rio salvífico” que alcança e salva a todos.

Tendo estabelecido estes princípios, Pe. Tomás faz “suas” aplicações, apresenta e comunica o carisma: “Ora, esta Congregação que vive e milita sob o título glorioso do Preciosíssimo Sangue de Jesus Cristo, deve necessariamente retratar em si e refletir a mais viva imagem daquela divina caridade com a qual foi derramado e do qual o próprio Sangue divino foi, e é, sinal, expressão, medida e penhor”.

Ou seja, quem aceita de “honrar” este aspecto da vida de Jesus deve – deixando-se guiar pelo Espírito, com o Fundador, e seguindo suas sugestões – organizar a vida de modo que, depois de ter contemplado “no Sangue” o triunfo da misericórdia divina e a manifestação de seu infinito amor por nós, sentir-se obrigado (“é mister”) a retratar e refletir em si “a mais viva imagem” desta caridade divina.

Quando o Fundador fala de “divina caridade” quer dizer, a nosso ver, que o derramamento do Sangue de Jesus é o “fato” de que o Pai se serve para manifestar o seu amor. Isto é, no Sangue devemos contemplar também a

caridade do Pai, ou seja, “o triunfo de sua misericórdia”, a “manifestação do seu infinito amor por nós”.

O Sangue “palpita” de amor divino, manifesta-o claramente, é, de fato, dele “sinal, expressão, medida e penhor”.

Além disso, as Irmãs da Congregação devem comprometer-se com todas as suas forças (“milita”) a propagar a devoção ao Sangue de Jesus, esforçando-se por retratar e refletir em si “a mais viva imagem daquela divina caridade com a qual foi derramado”.

### *Breve análise do texto*

\*“é mister”\*: é fundamental. Não se trata de uma simples utilidade, mas de uma necessidade, de um dever preciso: estamos, portanto, no coração do carisma. É como se o Fundador dissesse: “Devem!”

\*“a mais viva imagem”\*: é necessário trabalhar seriamente para deixar-se transformar na imagem mais viva possível da caridade divina. Não basta “ser”, é necessário também aparecer, demonstrar o que se é: isto é, tornar-se um sinal realmente significativo, um sinal que evoca e conduz à coisa significada, à realidade que ela esconde: à Caridade divina.

Em outras palavras, devem ser reunidas todas as condições para tornar-se incandescentes, como o metal que, ao ser colocado no fogo, torna-se semelhante ao fogo, a ponto de se confundir com o fogo real.<sup>6</sup>

\*“daquela divina caridade com a qual foi derramado”\*: o Sangue de Jesus está impregnado, substanciado por “Caritas”, foi derramado “com” caridade, nele “há” a caridade divina.

\*“... e do qual o próprio sangue divino é sinal, expressão medida e penhor”\*: o Sangue manifesta as dimensões da caridade divina.

É, portanto, e sempre, a caridade divina que continua a ser o sujeito principal e, portanto, parte essencial do carisma. Pode-se dizer também que o Sangue é o elemento portador e a caridade o elemento carregado, o conteúdo em relação ao recipiente.

6 Observemos, de passagem, mas com força, que a devoção ao Coração de Jesus, enquanto devoção ao amor de Deus, é parte essencial da espiritualidade proposta por Pe. Tomás.

O Sangue, na realidade, “foi e é”<sup>7</sup>:

\*“sinal”: serve para recordar e ajudar a “passar” à coisa significada, no caso: à caridade divina. Portanto, não é necessário parar apenas no Sangue, mas, nele, procurar e compreender do que ele é sinal<sup>8</sup>.

\*“expressão”: temos expressões dialetais ou próprias de outra língua, que é difícil traduzir e explicar adequadamente<sup>9</sup>. Da mesma forma, certos sinais, certas atitudes, são tão cheias de sentido que não podem ser explicadas com palavras. São elementos da linguagem que servem, em determinado contexto cultural, para dizer, com precisão e clarezas únicas, o que se passa na mente e no coração. Pensemos no olhar materno, em certos apertos de mão, em certos abraços.

O Sangue de Jesus não é uma frase, não é um gesto, mas um “fato”, que exprime e manifesta a caridade divina – produzindo, graças à ação do Espírito, nos corações - certezas e convicções inequívocas.<sup>10</sup>

\*“medida”: o comprimento, a altura, a profundidade a imensurável grandeza da divina caridade.

\*“penhor”: referimo-nos no adiantamento que é dado como prova definitiva de compra ou realização de algo. Quanto mais consistente for o “penhor”, mais séria e sincera é a intenção de “comprometer-se”.

O Sangue de Jesus nos diz toda a caridade do Pai.

Ao dar-nos este penhor, Ele está dizendo com atos que nos ama verdadeira e infinitamente, que não poderia fazer mais e melhor do que nos “entregar” o Unigênito!...

O Sangue de Jesus manifesta, em outras palavras, da maneira mais brilhante possível que Deus está total e realmente conosco e por nós. Oferece-

7 Note-se mais uma vez como o Fundador enfatiza a atualidade do mistério; daí deve-se deduzir também que a Eucaristia – memorial e representação do sacrifício da Cruz – é outro elemento essencial para a espiritualidade da Congregação.

8 Pode-se dizer que o Sangue é um elemento secundário (como todo sinal enquanto sinal) em relação à caridade que é a coisa significada.

“Pode-se dizer”. Mas, no caso concreto, devemos afirmar que ambos os elementos, sangue e caridade, são importantíssimos. A expressão do Fundador diz com toda evidência, que não devemos parar no Sangue e que, se quisermos compreender a riqueza e descobrir todos os conteúdos do carisma, devemos ir além do Sangue; ou melhor, entrar no sangue para vê-lo todo animado e substanciado pela caridade. O Sangue palpita de caridade. O Sangue é a caridade palpitante.

9 Tanto é assim que com o tempo, algumas entram a linguagem comum, mas mantendo a forma original. Pense nos seguintes termos: weekend, leader, Weltanschauung... e também nos nossos Aleluia, Marana tha, amém...

10 É o que João XXIII enfatizou na carta apostólica *Inde a primis* de 30 de junho de 1960. Nas primeiras linhas do documento, o Papa convida os fiéis “a voltarem-se com ardente

nos e constitui a prova suprema e absoluta, irrevogável e definitiva do seu amor pela humanidade. Um penhor melhor é Impensável. Ou melhor: o Pai e o Filho no-lo darão, porém, era necessária esta demonstração prévia do amor do Pai e do poder do Espírito, era necessário o “Sangue da Aliança”. Só depois, na realidade, e graças a esta efusão do Sangue de Jesus, o Pai e o Filho derramaram o Espírito que é também nossas “primícias” (Rm 8,23) e o nosso “penhor” (arras) (II Cor 5,5).

Concluindo: o Fundador além de sublinhar a finalidade pela qual o Sangue de Jesus foi e continua sendo derramado (a redenção do mundo e a glória do Pai), destaca também o motivo que inspirou sua efusão: na origem de sua entrega está o Pai, amor e fonte inesgotável de amor: o Pai infinitamente bom e – como o próprio Fundador escreve em suas cartas – “única fonte da caridade divina”<sup>11</sup>, “o melhor e o mais terno dos Pais”<sup>12</sup>. Ele é o Pai “mais terno, que traz seus filhos no coração; Pai compassivo e misericordioso, que tolera os meus defeitos e provê todas as minhas necessidades: o Pai mais generoso, que me cumula com seus dons, sem recear que jamais se esgotem seus tesouros; Pai tão terno, tão generoso, que se sacrifica pelos filhos”<sup>13</sup>.

### 3. Sangue – Coração – Eucaristia nos escritos do fundador

Se quisermos ser mais concretos e mais simples, podemos dizer que Pe. Tomás preconiza, de modo muito particular, a devoção ao amor: à caridade de Deus que, no sacrifício do Filho, encontra a sua mais elevada e significativa manifestação. A referência, portanto, continua explícita e forte à Eucaristia, o sacramento do amor - ... “amou-os até o fim” (Jo. 13,1) e ao Coração de Jesus, que nas obras do Fundador não poderia faltar.

Trazemos, sobretudo a partir de seus manuscritos, algumas das expressões mais significativas sobre o amor. Convencer-nos-emos de que a caridade do Pai é realmente parte essencial do conteúdo do carisma. Antes, porém, e para destacar a convergência entre essas devoções, recordemos brevemente

---

fervor para a expressão divina da misericórdia do Senhor em cada uma das almas, em sua Igreja santa e no mundo inteiro, do qual Jesus continua sendo Redentor e Salvador. Queremos falar da devoção ao Preciosíssimo Sangue” (*Encicliche e discorsi di Giovanni XXIII*, ED. Paoline, Roma, 1961, p.244).

11 Preghiere Antiche, p. 153.

12 “A oração, escreve o Beato no *Regolamento di vida devota*, no fundo nada mais é do que um colóquio com Deus, é um colóquio simples, familiar como com um amigo; o mais sincero dos amigos; com um Pai, e o melhor e o mais terno dos Pais” (RdV. 72)

13 *A hora consagrada ao SS.Sacramento*, p.12.

o que o Magistério afirma a respeito do culto ao Sagrado Coração. Servirá para nos ajudar a compreender que entre as duas devoções – João XXIII nos dirá explicitamente – há um “vínculo indissolúvel” e para nos fazer perceber concretamente que, também neste sentido, Pe. Tomás havia acertado em cheio.

O Coração do Verbo Encarnado é, segundo o ensinamento de Pio XII, “o símbolo do amor que ele tem em comum com o Pai e o Espírito Santo” (*Haurietis Aquas*) (HA.30). “Nós, escreve o Papa Pacelli, podemos com toda certeza contemplar e venerar no Coração do Divino Redentor, a imagem mais eloquente de sua caridade” (HÁ.34). E finalmente: “Em essência, o culto ao Sagrado Coração de Jesus é a adoração do amor com o qual Deus nos amou por intermédio de Jesus, e é ao mesmo tempo a prática de nosso amor para com Deus e para com os homens” (HÁ.70) <sup>14</sup>.

João XXIII tem, por sua vez, considera “particularmente oportuno chamar a atenção... para o vínculo indissolúvel entre as duas devoções já tão difundidas no seio do povo cristão, ou seja, ao Nome SS. de Jesus e ao seu Sagrado Coração e a que visa honrar o Sangue Preciosíssimo do Verbo encarnado “derramado por muitos em remissão dos pecados” (*Inde a primis*).

O Fundador já havia estabelecido este vínculo, como, por exemplo, nesta oração da “*Sagrada novena ao SS. Coração de Jesus*”: “... Rezarei em vosso nome, mas vós concedei-me a graça de que minhas orações passem pela ferida do vosso coração; para que vosso eterno Pai, vendo-as purificadas pelo vosso Sangue, as aceite e me dê as graças de que necessito” (p.11-12).

“... *Respira-se ar de amor*”

O denominador comum destas três devoções é, portanto, sem dúvida, o amor.

Antes de ver como Pe. Tomás fala disso, tomamos a liberdade de nos convidar a não nos determos na forma, mas entrar na substância do conteúdo.

Na “Coleção de Novena – Orações - Máximas”, o Beato convida as Irmãs a irem ao Calvário em pensamento, aproximarem-se de Jesus e “entrar no aposento do coração” porque “ali se respira ar de amor” (PP. 15-16). “Recomendo-vos, escreve ainda, que fixeis os vossos olhos na frente, nos olhos, nas atitudes de Jesus, e vereis que Ele enlouqueceu de amor” (ibid 18).

Depois de ter falado da instituição da Eucaristia e da incompreensão dos homens, Pe. Tomás faz Jesus falar assim: “O amor não tem lei. Sei bem que

14 Cf. Também a carta apostólica *Investigabiles Divitias de Paulo VI*.

serei alvo de desprezos... mas eu, Filha, não posso deixar de fazer o que o amor quer. O amor me obrigou a fazer isso e se tu queres de verdade agradar a teu Esposo, me ame. Amor com amor se paga" (ibid. 20-21).

No texto, segue o *Rosário do amor*. Nele, Jesus é, entre outras coisas, invocado como "amor benigno e paciente, amor traído e desprezado, amante não amado, amor indulgente e derramado, minha salvação e riqueza, amado e ímã dos corações, meu Pai e meu Irmão, coração do meu coração, alma da minha alma".

Esta parte do Rosário conclui com algumas aspirações. Citamos duas delas: "Amo-vos com o coração de Maria Santíssima. Amo-vos como Esposo de Sangue." Segue ainda uma oração a Jesus Eucaristia, na qual, além de pedir a graça do amor, é invocado como "sol divino" que espalha "os raios do amor sobre os corações que vos amam" e solicita "um único raio em minha alma e tornai-a toda amor por vós. Para que a vinha desta minha alma faça amadurecer uvas, para vos dar o vinho do santo amor" (pp.22-26).

A referência ao Cântico dos Cânticos, nesta e em outras passagens dos escritos do Fundador, é óbvia. Quaisquer outros comentários nossos podem ser supérfluos. Permitimo-nos apenas chamar a atenção para as invocações que denotam atitudes até de ordem mística.

*"Os cinquenta e dois amores"*

Pe. Tomás havia percebido bem que, para se tornar uma imagem viva da caridade do sangue, é necessário antes de tudo deixar-se envolver pelos raios do amor divino.

É certamente necessário um empenho próprio, uma contribuição pessoal permanente, mas a resposta a esta particular chamada do Senhor é também e sobretudo fruto de graça. É o que notamos em outro precioso manuscrito: "*Os cinquenta e dois amores, ou seja, as cinquenta e duas quintas-feiras do ano consagradas ao amor de Jesus Sacramentado*".

Infelizmente é uma obra incompleta, visto que o texto que sobreviveu mostra apenas dez amores. Apenas o suficiente, no entanto, para demonstrar o lugar que a devoção à Eucaristia e ao Amor teve na vida do Beato.

“A *primeira quinta-feira eucarística*”, correspondente ao “primeiro amor”, põe logo em evidência uma das atitudes fundamentais a ter na oração: não o temor, mas a “grande confiança”:

“Meu Deus, perdoai-me se Vos falo com grande confiança. Vós quereis e gostais quando uma vossa filha, uma esposa, vos fale com confiança de filha e de esposa. Peço-vos que façais crescer em mim está linda virtude, para que me aproxime de Vós sem temor”.

“Meu Jesus – diz a jaculatória que, segundo a sugestão de Pe. Tomás, se deve recitar depois de fazer “uma breve pausa” – quero ser sempre vossa Filha, Esposa, Ancila...” (p.79).

Na *segunda quinta-feira* é enfatizado que só o amor levou Jesus a ficar prisioneiro na Eucaristia:

“Foi o amor. É verdade, foi o amor. Ah, que meu coração seja inflamado pelo vosso amor”. (pp. 81-82)<sup>15</sup>.

O *terceiro amor* começa com esta oração: “Jesus meu amado, o amor ensina-nos a amar; portanto dá-me amor, e eu saberei amar-te”.

Sugere então uma jaculatória: “Meu Jesus, Tu és o meu amado e isto me basta!” (p.84) e, após outras invocações, conclui com esta insistente, brevíssima oração: “dê-me, dê-me amor, amor, amor” (p. 85).

Na *quarta quinta-feira*, depois de lembrar que “na batalha do amor, combate-se com as armas do amor”, depois de ter pedido a caridade, a castidade, a humildade e santas ações “para criar trincheiras para o teu SS. Corpo e assim defender-te dos dardos de quem não te ama”, nos leva a rezar assim: “Jesus, meu Esposo, eu te amo, quero amar-te sempre... Ah! Pegue a foice do amor e corta, arranca de todos os corações, tudo o que é mau e principalmente de mim e de todas as minhas coirmãs” (p. 85-88).

O *quinto amor* começa com esta oração: “Meu amor, deixa-me apressar a amar-te e estendas a chama do meu amor por toda largura possível”.

Ele então sugere uma jaculatória: “Quem te ama, Amor, vive feliz” e continua: “Meu amor, deixa-me amar-te uma, duas e mil vezes; que nenhum instante se passe sem o teu amor”. Porque, explica: “Perde-se, meu Amor, perde-se o suspiro que não sai inflamado por Ti. Por isso, entrego-te toda

15 Em *A Hora consagrada ao SS. Sacramento*, o Beato indica a Eucaristia como “um incêndio de caridade” (p.27) e no Ato de consagração e afeto faz rezar: “tu és fogo, chama, incêndio; incendeia-me, toma-me, abrasa-me, consuma-me” (ib. p. 36).

minha vida em perpétua escravidão, ou melhor, ofereço-a como vítima no altar de teu amor”<sup>16</sup>.

Por isso, faz pedir com insistência: “Faze-me sempre amar-te, amar-te, amar-te”.

Até o amor humano às vezes leva à loucura, comenta novamente Pe.Tomás, e conclui: “Faze que eu enlouqueça de amor por Ti. Faze-me esta caridade. Louca, louca de amor” (pp.89-90).

Na *sexta quinta-feira*, Jesus é invocado como “Remédio celestial” que cura “com santo amor... com o remédio do amor”.

No *sétimo amor*, Jesus torna-se o “amante das almas”. Ele, que no sacramento “formou uma fornalha ardente, e o fogo consome todos os pecados”, conceda “uma centelha deste fogo de amor, porque eu quero ser consumido por Ti” (p.94).

A jaculatória apropriada ao tema: “Ó fogo celeste, aquece-me com amor” (p.94).

A *oitava quinta-feira* apresenta Jesus como “meu amante”, “amor dos amores”, “remédio celeste” (p. 97)<sup>17</sup>. Que o Senhor conceda amor à suas filhas para que possam arder cada vez mais “no vosso amor e vos amem verdadeiramente, sincera e fervorosamente. Ah! Pelo amor que tens demonstrado aos homens, faze esta caridade. Conceda amor a todos. Amor, amor” (PP. 91-93)<sup>18</sup>.

Na *nona quinta-feira* desenvolve-se o tema da grandeza do amor de Deus: “Eu sei, meu querido, eu sei, teu amor é infinito. Antes de eu nascer, tu me amaste, assim que nasci, me amaste e ainda me amas com amor infinito”.

A observação da própria frieza, é seguida pelo desejo de “arder de amor por ti” e um pedido que se encaixa bem na terminologia de quem nasceu e viveu à sombra do Vesúvio: “Acende em mim um vulcão de amor, para eu que possa te amar como mereces... Inebria a todos. Faça com que todos te amem com amor verdadeiro” (p. 101-102).

16 A razão também ocorre em outro lugar, por exemplo, na *Consagração ao PP. Sangue*: “Fazei com que, pela Consagração que vos faço de tudo o que sou, me torne, neste dia, uma nova e perfeita vítima do vosso santo amor” (RdV.116).

17 Nas *Ladainhas do SS. Sacramento*, o Beato faz com que Jesus seja invocado como “Antídoto celestial” (*A Hora consagrada ao SS. Sacramento*, 35).

18 O 10º “suspiro de amor depois da comunhão”: “Meu Jesus, meu Esposo, a graça que desejo de vós é exatamente o amor; sim: amor, amor, ó meu Jesus”; o 11º: “Desejo grande amor, meu amado, para que eu possa sofrer com paz as aflições, dores, injúrias, maus tratos e o que de mais doloroso quiseres enviar-me” (RdV. 98).

Neste nono amor há um crescendo: que Jesus conceda, como fez a Maria Madalena, que me torne “toda amor”, como à virgem Utgarda, “toda amante, toda hóstia” e, finalmente, “muda-me o coração como o mudaste a S. Catarina de Sena. Oh! Eu gostaria de obter esta graça”<sup>19</sup>. Para obtê-la o Beato sugere perguntar a Jesus o que fazer: “Ensina-me e tudo farei” (pp. 103-104).

Na *décima quinta-feira*, Jesus é apresentado como o “Esposo de Sangue” que instituiu “este sacramento de amor”: “Sempre que recordo esta santa Instituição, não posso não exclamar: Foi o amor, foi o amor”.

Felizes os que tiveram a graça de estarem presentes na Última ceia. Mas: “Não sou eu mais feliz do que aquelas almas? Eles estavam presentes na instituição e eu também estou presente todas as manhãs, na celebração da missa; elas não o tinham nas Igrejas, no sagrado cibório, como eu...” (pp. 104-105).

Assim termina o manuscrito. Infelizmente faltam quarenta e dois amores.

Mas há o suficiente para entrar melhor na visão do Fundador e compreender que o amor de Deus é a atmosfera na qual deve viver a Filha da Caridade do Preciosíssimo Sangue. E também para se convencer que este amor é dom de Deus e, portanto, é necessário pedi-lo continuamente.

No “dulcíssimo Coração” de Jesus – expresso numa fórmula (manuscrita) que as órfãs deviam rezar - Pe. Tomás vê e convida a ver o lugar onde “se respira ar de amor” e no Sacramento de seu Corpo e de seu Sangue, uma “fornalha ardente” que produz “centelhas de fogo de amor”.

Jesus, o “Esposo de Sangue” é, pois, para o Fundador, o Amante das almas, o “fogo celeste”, o “amor dos Amores”, o “imã dos corações”, que não pode não “fazer o que o amor quer” que tornou-se “louco de amor”, que ama “com amor infinito”.

A Esposa de Jesus deve, por sua vez, deixar-se arrastar por esta corrente de amor e pedir Jesus, “medicina celeste”, que tome a “foice do amor” e ceife “de todos os corações, tudo aquilo que é mau”, e conceda as virtudes fundamentais da vida cristã (Cf. P. 85) Isto tudo não diminui a cooperação ativa das Irmãs porque, como recorda Pe. Tomás, “amor com amor se paga”.

A Filha da Caridade do Preciosíssimo Sangue oferecerá assim as condições ideais para se deixar inflamar por “um vulcão de amor”, para enlouquecer de amor, ser vítima no altar do amor, “toda amante, toda hóstia”.

19 Também na *Sagrada novena do SS. Coração de Jesus*, o Fundador leva a pedir: “um coração novo... conforme vosso coração adorável, que já não viva e não respire senão para vos amar”.

Resta sempre que tudo é dom e graça de Deus. Por isso, se rezará insistentemente para obter este amor: “Dá-me amor e eu saberei te amar”, “aquece-me com amor”, “deixe-me sempre te amar, te amar como desejas”, “muda-me o coração”, “faze que sempre te ame, te ame, te ame”, “faze que todos te amem com amor verdadeiro”<sup>20</sup>.

*“Chamas divinas do Coração de Jesus”*

Temos outra do Beato que trata explícita e exclusivamente do S. Coração: *Sagrado Novenário do SS. Coração de Jesus, para o uso das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue*.

Nele Pe. Tomás convida a ir “em espírito... ao Sagrado Coração de Jesus (...) neste centro dos corações vos unireis para lhe oferece vossa homenagem, para lhe consagrar os vossos sentimentos e vossos corações” (p. 3). O Coração de Jesus é considerado em “três etapas diferentes”: “imolado na cruz, residindo em nossos altares por nosso amor e glorioso no céu” (p. 4).

Para todo o resto, remetemos ao manuscrito. Citamos apenas algumas passagens que servem para confirmar o que dissemos até agora. Entretanto, recordemos a invocação é repetida várias vezes (pp. 4.5.6) “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo e ao Sacratíssimo Coração de Jesus”.

“Meu Jesus, Jesus meu – é uma das muitas orações sentidas – meu amor, meu amor, tomai, sim tomai este meu coração e dai-me o vosso para vos amar de maneira digna neste mundo, enquanto aguardo a felicidade de amar-vos com um amor perfeito no céu” (p. 9-10)<sup>21</sup>.

O amor, portanto, e só o amor dá sentido e sabor à vida presente e futura. Mas não o amor da pobre criatura pelo seu Criador, porque este é sempre limitado

20 São invocações que ocorrem também no *Regulamento de vida devota* e que ele chama de “aspirações ou jaculatórias”: “são como tantas flechas, que saem de nosso coração e vão diretamente ferir o coração de Deus” (p. 102). Eis algumas: “Meu Deus, quero amar-vos antes de tudo, acima de tudo, em preferência a tudo” (p. 103) “Acende em mim o fogo sagrado do vosso amor divino” (p.105): “Sangue precioso de Jesus, inebriai minha alma com amor divino” (p.107).

Também no *Regulamento* encontramos este “Protesto”: “Meu Deus, bem infinito, seja meu viver um contínuo progredir em vosso santo amor, e minha morte seja um sacrifício de caridade” (p. 135).

21 O mesmo motivo repete-se nas “Sete adorações a serem feitas a Jesus Sacramento”: “... Ó bondade infinita, inflamai-me com vosso amor, aprisionai, dominai, amarraí, raptai este meu coração. Beleza do Paraíso iluminai-me, inebriai-me com vosso amor para que arrebatado em vós eu viva, arrebatado em vós eu respire, para que eu voe para vos abraçar e possuir-vos sem véus no céu” (p. 12).

Veja também o apaixonado “Ato de adoração e afeto” em *A Hora consagrada ao SS. Sacramento*, p. 36-38.

e condicionado. Pe. Tomás, que havia pedido às Irmãs que reproduzirem a imagem mais viva da caridade divina, com expressões semelhantes às citadas, faz-nos compreender claramente que nosso amor será verdadeiro na medida em que Deus nos encher com o seu, ou melhor, conceda a graça de mudar-nos o Coração – como a Santa Catarina, recordou-nos o Fundador.

Neste contexto, compreendemos também em toda a sua profundidade as seguintes belíssimas “aspirações”:

“Desejos e inclinações do Coração de Jesus, reinai sobre mim.

“Chamas divinas do Coração de Jesus, iluminai-me.

“Doçura do Coração de Jesus, pacificai-me.

“Paciência do Coração de Jesus, suportai-me.

“Pobreza do Coração de Jesus, desapegai-me de todas as coisas terrenas.

“Providência do Coração de Jesus, velai sobre o meu coração.

“Pureza do Coração de Jesus, adornai meu coração.

“Obediência do Coração de Jesus, subjugai meu coração.

“ Ó Coração de Jesus, sede minha alegria, minha paz, meu repouso, meu tudo neste mundo e no outro” (p.17.18).

Eis como, em concreto, o amor de Deus domina os pensamentos, os afetos, os desejos, as ações, tudo, a pessoa toda: submetendo-se livremente, e por amor, tudo o que se é e se tem ao domínio exaltante do Coração de Jesus.

Com efeito, Pe. Tomás sugere também neste manuscrito, que nos ofereçamos totalmente ao amor de Deus e à Eucaristia, em particular:

“Oh, quão bem gasta seria minha vida se pudesse sacrificá-la por uma causa tão santa” (p.20).

Que o Senhor conceda “um coração que doravante não seja mais que uma vítima consagrada à vossa glória e abrasada pelo Santo fogo do vosso amor” (p.21).

### *Amor reparador*

Também encontramos este elemento tão característico da devoção ao Coração de Jesus, em Pe. Tomás.

Irmã Albina Cupiccioni, uma Irmã que conheceu, amou e viveu segundo a espiritualidade do Fundador, recorda que em suas obras e, em particular, na *Hora Santa*, Pe. Tomás fazia pedir intensa dor pelas ofensas causadas a Jesus e propunha “sofrer mil vezes a morte mais cruel, do que ofendê-lo novamente”

(S. 253). Com “expressões inflamadas”, declarava que “queria reparar a qualquer custo suas próprias faltas e as dos outros” (ibid).

Um amor reparador que inculcava em suas filhas como transparece, por exemplo, na sugestão de fazer “a Comunhão reparadora” e de meditar sobre “uma efusão de sangue em reparação dos ultrajes que Jesus recebe dos pecadores”. Para isso, sintetiza Irmã Albina Cupicciotti, publicou os “*Carnavais Santificados*” e quis que na Congregação por ele fundada, “todo primeiro dia do mês Jesus Sacramentado fosse solenemente exposto” (S. 253).

A reparação devia, antes de tudo, referir-se às culpas pessoais: “Quando encontrais despezos, dizia às suas irmãs, quando vos fazem injustiça, não vos ressintais, mas digais em vosso coração: mereço pior” (in S. 30).

Na realidade, existe uma relação entre o pecado e o sofrimento: o pecado, ensina o Vaticano II, feriu a natureza humana (Cf. GS, 15/1365; 17/1370; 78/1587) e o sofrimento ajuda a curá-la (Cf. *Paenitemini*, II/2061).

O Fundador, por sua vez, explica: “nossa humanidade não quer sofrer, mas se soube pecar, também deve sofrer”<sup>22</sup>. Com efeito, no ensinamento do Fundador, “qualquer cruz, por pesada que seja, é sempre menor do que a que merecemos pelos nossos pecados” (RdV. 113).

Mas o motivo dominante da reparação é outro: é a lembrança do quanto Jesus sofreu durante a Paixão em reparação de nossos pecados: “Senhor, dai-me uma memória viva da vossa santa Paixão, para poder chorar os meus pecados. Fazei-o, ó Senhor, pelo vosso Preciosíssimo Sangue” (RdV. 126)<sup>23</sup>.

#### 4. Não poupou seu próprio Filho...

Nas expressões do Fundador, não é difícil ouvir o eco das afirmações de Pedro, Paulo e João.<sup>24</sup>

De fato, as Escrituras repetidamente apresentam o amor e a misericórdia do Pai como fonte primária da obra redentora. Reflita, por exemplo, na introdução da primeira carta de S. Pedro: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em sua grande misericórdia, ele nos regenerou...” (I Pe 1,3).

22 *Coleção de Novenas, Orações, Máximas*, p. 35.

23 Cf. Também Sagrado novenário do SS. Coração de Jesus, p. 19-22.24.

24 Sabemos, por outro lado, que o Fundador colhia a mãos cheias da Bíblia: “A S.Escritura, testemunhou Dom Mangino, era a fonte de seu discurso” (S.72). Irmã Gemma Campanella confirma também que ele “aprofundava argumentos de teologia dogmática e moral” (S.4).

A teologia paulina é rica em elementos desse tipo. No início da carta aos Efésios, por exemplo, Paulo, ao apresentar o plano da salvação, resume as bênçãos de que Deus nos cumulou, com as seguintes palavras: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênção espiritual no céu em Cristo” (Ef 1,3).

Na continuação da mesma carta, o Apóstolo afirma, de forma ainda mais clara, que o Pai “rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos por causa de nossos pecados, nos fez reviver com Cristo” (Ef 2,4) e que “nos mostrou as extraordinárias riquezas da sua graça, pela sua bondade para conosco, em Jesus Cristo” (Ef 2,7).

Na origem, portanto, do ministério da salvação, segundo Paulo, está Ele: o Pai “de quem toma nome toda paternidade nos céus e na terra” (Ef 3,14), o Pai que nos ama tanto que “não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” (Rom 8,32), que, de fato, demonstrou seu imenso amor para conosco porque, ainda quando éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Rom 5,8).

Para “compreender” tudo isto e, portanto, acolher esta parte tão importante do carisma, devemos, como Paulo, dobrar os nossos joelhos diante do Pai e pedir-lhe que nos conceda, “segundo a riqueza de sua glória, ser fortalecidos poderosamente pelo seu Espírito no homem interior” (Ef 3,14-15), para que, “arraigado e alicerçados no amor”, possamos “compreender com todos os santos qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef 3,17-19).

A força do Espírito é, portanto, necessária para conhecer em toda sua grandeza o amor de Deus, imensurável e acima de todo conhecimento humano. Somente com a sua ajuda poderemos realmente compreender e desfrutar que “tudo vem de Deus que nos reconciliou consigo por meio de Cristo”, que “foi Deus quem reconciliou consigo o mundo em Cristo” (II Cor 5,16-19) e podemos também acolher, retratar e refletir a divina caridade da qual o Sangue de Cristo é portador.

### *“Este mandamento recebi do Pai”*

A espiritualidade de Pe. Tomás é, portanto, marcadamente paulina, mas também joanina.

Citamos algumas afirmações do Evangelista, não só para reiterar em que o amor do Pai está na origem da nossa salvação, mas também para evidenciar

que Jesus vivia declaradamente à luz da vontade paterna, totalmente entregue à sua "missão".

Do que, por exemplo, João relata no encontro de Jesus com Nicodemos, sabemos que o Filho do Homem deve ser levantado na cruz "para que, todo aquele que nele crer tenha a vida eterna" e que o Pai "de tal modo amou o mundo que deu seu próprio Filho unigênito" (Jo 3,15-16).

Portanto, é o amor do Pai que, também para João, tudo move e dirige. Jesus aceita este "mandamento do Pai" e sacrifica a sua vida. De fato: "É por isso que o Pai me ama: porque ofereço minha vida... Este é o mandamento que recebi de meu Pai" (Jo. 10,17-18).

Jesus, portanto, é nosso Salvador porque o Pai, antes de tudo, quis nossa salvação. Jesus, homem-Deus, nada fez senão abraçar esta vontade paterna – e com paixão: "Há um batismo que devo receber e como anseio até que ele se cumpra" (Lc. 12,50; Cf. 22,14)

Quase como um comentário sobre o texto citado e sobre Hb. 10,1-10, Pe. Tomás havia escrito: "O primeiro passo que Ele deu ao vir ao mundo, foi obedecer; a vontade de seu divino Pai foi a primeira e única norma de sua conduta" (RdV.32). De onde deduzimos, mais uma vez, que também para Pe. Tomás, a vontade do divino Pai está na origem de toda a ação redentora de Jesus. O Pai é o inefável "diretor" desta maravilhosa obra trinitária.

Há outro texto de João que, a nosso ver, sintetiza magnificamente a visão do Fundador: "Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que tenhamos vida por ele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados" (1 Jo 4,8-10).

Neste texto temos os elementos essenciais e constitutivos da espiritualidade proposta por Pe. Tomás Fusco. Ele havia ensinado que Jesus derramou seu Sangue "para manifestar seu infinito amor por nós" e que este Sangue é uma "expressão" da caridade divina. É o que o Espírito nos havia revelado por intermédio de João: "Nisto se manifestou o amor de Deus.."

Para o Fundador, o Sangue é "preço de salvação e de glória"; para João, o Pai manifesta seu amor enviando o Filho "para expiar os nossos pecados".

Para Pe. Tomás, o Sangue de Jesus leva para a "beatitude eterna"; para João, o Pai manifesta o seu amor enviando o Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados

Para Pe. Tomás, o Sangue de Jesus eleva “à bem-aventurança eterna; para João, o Pai, por razão de amor, envia o Unigênito “para que tenhamos vida por ele”.

Obviamente essas não são semelhanças ocasionais e fortuitas. Pe. Tomás deve ter tirado suas convicções lendo e rezando sobre passagens desse tipo.

Devemos, então, concluir que a Caridade do Sangue não é, realmente, um elemento secundário na espiritualidade proposta por Pe. Tomás e que devemos nos comprometer seriamente a honrar o Pai, que, como manifestação de seu amor por nós, nos enviou o Unigênito para a nossa redenção.

Agora podemos realmente compreender que a Congregação do Fundador é a Congregação das Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue.

## 5. Os frutos da caridade

Devemos agora responder a outra pergunta: por que, com que propósito Jesus derramou seu Sangue? Vimos que o amor do Pai por nós está na origem do sacrifício de Jesus e que Jesus aceitou, por amor, esta vontade paterna: em outras palavras, “Ele quis” derramar seu Sangue.

Perguntamo-nos agora: este amor do Pai que se manifesta através de Jesus, que derramou seu Sangue até a última gota – como prova a chaga do lado, o que fez?

Vimos que o amor que o Pai teve por nós foi o ponto de partida, a razão inspiradora da doação do Filho. Agora temos que examinar qual é o ponto de chegada. Ou seja, perguntemo-nos o que opera em nós o amor do Pai, que nos alcança desta maneira especial.

Digamos desde já que o Fundador distingue duas finalidades: chamamos a primeira de próxima e a segunda de última.

*“...Cooperar na salvação dos outros”*

É sobretudo no *Prefácio das Regras* que o Fundador aborda com clareza carismática a finalidade da Congregação.

Quando, a certa altura, fala da Regra, indica também o caminho a seguir e a meta a alcançar: “tornar-se sinceras Filhas do divino Sangue e Filhas úteis

desta Companhia para, assim, atrair sobre nós e sobre nossa obra, as bênçãos divinas e para sermos aptas e idôneas para cooperar na salvação dos outros”.

Quatro são, portanto, as etapas indicadas em ordem progressiva: tornar-se Filhas do divino Sangue e Filhas da Congregação, atrair as bênçãos de Deus sobre si e sobre as obras, cooperar na salvação dos Irmãos.

Acima de tudo é necessário “tornar-se sinceras Filhas do divino Sangue”. Primeiro é preciso “ser”. Só quem “é”, pode “agir”.

De fato, a ação é proporcional ao ser. Pois não é possível dar o que não se tem. A árvore, por exemplo, não pode pensar.

Nem é possível se ter mais do que as capacidades do ser concreto. Só um louco pode pretender despejar dois litros de líquido em um recipiente que só pode conter um litro.

A primeira coisa a se pensar, portanto, é ser, construir-se e, visto que se trata do chamado de Deus a ser respondido dia após dia, alcançar as dimensões desejadas pelo Pai: “tornar-se sinceras Filhas do divino Sangue”, deixando-se levar pelo Senhor “que quer atrair-nos a Si” (*R.Prefácio*)<sup>25</sup>.

Diante disso, e ao mesmo tempo, tornar-se também “úteis Filhas da Companhia”. Na verdade, Deus nos quer em uma família particular. A vocação é também convite para fazer parte de uma “companhia”. Desta, portanto, devemos ser membros ativos e viver não como parasitas, mas trabalhando e nos tornando úteis.

Ao fazer isso – estamos na terceira etapa – o Senhor não pode deixar de conceder bênçãos abundantes e, portanto, - é a quarta etapa – tornar-nos “instrumentos” qualificados “para a salvação dos outros”.

Temos, portanto, uma série de fins intermediários, um subordinado ao outro: somente e na medida em que nos esforçamos para sermos “sinceras” Filhas do divino Sangue, seremos também “úteis” à Companhia. Somente e na medida em que realizamos esta primeira etapa do “ser”, poderemos atrair sobre nós e sobre nossas atividades as bênçãos divinas. Somente e na medida em que tudo isso acontecer, tornar-nos-emos aptas e idôneas para alcançar a meta que Deus confiou à Congregação: cooperar com Ele na salvação dos irmãos.

Não é que tudo isso exija uma sucessão de ordem temporal: não se deve propor a colaboração com Deus somente quando todas as etapas precedentes foram percorridas. É claro que é necessário ser da Congregação para alcançar os objetivos próprios da Congregação. Mas uma vez, tendo sido chamada

25 Quanto a este progressivo “tornar-se” e amadurecer, nota-se também os adjetivos do Fundador: para ele as Irmãs devem ser sinceras, úteis, aptas e idôneas.

e admitida na Congregação, deve-se imediatamente passar à ação para a promoção integral dos irmãos.

É verdade, porém, que este caminho terá seu fim apenas com a entrada no paraíso. Com efeito, enquanto estivermos na terra, todos os dias devemos nos lembrar, assimilar e crescer na disponibilidade e abertura ao Espírito, em todas estas etapas, para tornarmos-nos “aptas e idôneas para cooperar para a salvação dos outros”<sup>26</sup>.

*“Para a glória de Deus e honra do Sangue do divino Cordeiro”*

O que foi dito até agora não é tudo, é apenas uma série de fins intermediários. O objetivo final só pode ser a glória de Deus, isto é, o reconhecimento e a ação de graças “salutar” pelo fato de que, através da efusão do Sangue Precioso, Ele realizou a nossa salvação.

O Fundador especifica isso desde a primeira página da *Regra*. Depois de descrever brevemente às atividades as quais as irmãs deverão se dedicar, conclui afirmando que tudo deve ser aceito “de todo coração” e realizado “com fidelidade”... para glória do Senhor que nos amou e remiu com seu próprio Sangue” (*R. Prefácio*).

O princípio é recordado também na segunda parte da *Regra*: entre as coisas a ter “no coração”, o Fundador coloca, adotando uma fórmula sintética, “tudo o que redundará para a glória de Deus e para a honra do Sangue do divino Cordeiro” (R. II, I, 5)<sup>27</sup>.

Citamos ainda dois documentos:

A Diretora Geral deve, antes de tudo, “estudar” tanto com as palavras como com o exemplo “que todas as súditas se tornem agradáveis ao Eterno

26 Antes de concluir o parágrafo, queremos destacar o fato de que a “libertação” dos irmãos é um dos pontos de referência certos e constantes que as Irmãs da Congregação devem se recordar. Notamos também que o Fundador, mais do que da própria salvação fala da salvação dos outros. Até porque, como se sabe, salva-se salvando.

Citamos os trechos mais significativos do precioso e fundamental documento que é o *Prefácio das Regras*, que desenvolvem este tema: os meios que a Congregação põe à disposição são todos “orientados a promover, conservar e aperfeiçoar a piedade nas almas que Jesus nos confiar”; “promover o bem espiritual nos outros” constitui a razão que leva ao exercício para adquirir sólidas virtudes; a observância da Regra é o “meio mais eficaz” que torna “aptas e idôneas” para trabalhar para a salvação dos outros, que torna “instrumentos da salvação dos outros”.

27 Recordemos também que as Constituições são, para Pe. Tomás, os “compendiosos meios” oferecidos pela Providência para a santificação própria e dos outros “e para a glória daquele Sangue divino que foi derramado para comum resgate e salvação” (*C. Conclusão*).

Pai pela imitação da vida e das virtudes de seu Unigênito Filho” (R.I,X,1). Por isso a Irmã, por exemplo, assim que acordar, oferecerá seus “pensamentos, palavras, obras e sofrimentos daquele dia em união com o que Jesus Cristo fez e sofreu, entregando-se inteiramente nas mãos divinas” (R.II,IV,2) <sup>28</sup>.

Jesus, com sua “vida” e com suas “virtudes”, com o derramamento de seu Sangue, “realizou” a salvação do mundo para a glória do Pai.

### Como citar:

SHIAVONE, Piero. A caridade do Preciosíssimo Sangue. In: O Amor maior. Título original: La Carità del Preziosissimo Sangue. In: L'amore più grande...Tradução: Ir. Marilene Gomes Pereira Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 231-252, jul./dez.2023.

---

28 Após esta oração, o Fundador se detém para detalhar e especificar: “Ofereço-vos e consagro-vos, meu Deus trino e uno, tudo o que há em mim, minha memória e minhas ações. A vós, Eterno Pai, minhas palavras e minha inteligência; a vós, ó Eterno Filho, minha vontade e meus pensamentos; a vós, Eterno Espírito Santo, meu coração, minha língua e todos os meus sentimentos; meu corpo e todas as minhas dores e angústias à vossa santíssima Humanidade, ó Jesus meu Redentor...” (R.II,IV, 2).